



REPORTAGEM ESPECIAL | PÁGINAS 5, 6, 7, 8 E 9

Previsão do tempo vira ferramenta de gestão para empresas

EM PAUTA

Construtora Lyx tem o Rio Grande do Sul como foco para os próximos anos

Atualmente, mais de 50% do faturamento da empresa vem do Estado

Sofia Paiva
sofiap@jcrs.com.br

Desde 2007, a construtora Lyx planeja, viabiliza, constrói e entrega moradias por meio do Programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV) em todo o Brasil. Originalmente carioca, a empresa chegou ao Rio Grande do Sul em 2023 e, desde então, ampliou sua atuação no mercado gaúcho. Hoje, o Estado representa mais de 50% do faturamento da construtora.

Em parceria principalmente com a Caixa Econômica Federal, a Lyx reúne as certificações exigidas pelo banco, compra os terrenos e constrói seus empreendimentos. Em seguida, os imóveis ficam disponíveis para o mercado e para os beneficiários que se encaixam na faixa de renda necessária do programa para adquirir o imóvel - a construtora trabalha com as faixas 2 e 3, nas quais a renda bruta familiar varia

de R\$ 3.201 a R\$ 9.600.

Conforme o sócio e vice-presidente comercial da empresa, Paulo Antônio Kucher, a Lyx possui como principal objetivo e missão a construção de habitações populares pelo MCMV, levando moradia digna para as populações de baixa renda. Com 70% do público com idade entre 19 e 30 anos, a empresa se concentra no mercado de primeiro imóvel.

“No início do ano, o Minha Casa, Minha Vida mudou algumas regras, o que foi muito benéfico. Agora, o Programa passou a reconhecer os ganhos de moto-boys, entregadores e motoristas de aplicativo como renda formal”, aponta o vice-presidente. Kucher explica que a formalização da renda facilita a análise de crédito dos beneficiários com os bancos e, consequentemente, a participação no Programa. Desde o início das novas regras, as vendas da Lyx cresceram 15% no Rio Grande do Sul, com um aumento de 40% na procura pelos empreendimentos.

O Estado é um mercado em crescimento e de grande interesse da empresa de moradias,

segundo o vice-presidente, principalmente pelo alto déficit habitacional. Por essa razão, pelos próximos três anos, a Lyx irá lançar mais de 6 mil unidades no RS, com a economia gaúcha sendo o principal mercado da empresa.

Os consumidores gaúchos, de acordo com a construtora, possuem características próprias. Na Capital, sobretudo após as enchentes de 2024, a preocupação dos compradores com fatores como localização, infraestrutura e equilíbrio entre custo-benefício e qualidade de vida nos empreendimentos aumentou. As novas necessidades dos gaúchos se alinham aos projetos entregues pela Lyx, o que explica o interesse pelo Estado e o crescimento na procura e faturamento.

“Quando lançamos o primeiro condomínio-clubes, em 2010, parecia uma insanidade. Nós entregamos nos nossos projetos: piscina com prainha, áreas de lazer, cinema, quadra poliesportiva, espaço kids, salão de festa e academia. Tudo equipado e decorado, o que não é o esperado de imóveis que são feitos para o Minha Casa, Minha Vida”, destaca Kucher.

Com uma proposta diferente do convencional, o vice-presidente argumenta que, para a Lyx, qualidade de vida não é apenas ter um teto, mas muito mais que isso.

“Nossa preocupação é muito maior que apenas o mínimo. Por exemplo, nas enchentes de 2024, nenhuma das obras da Lyx foi afetada. Nós temos uma responsabilidade muito grande na hora da seleção e da compra desses terrenos, pensando nesse tipo de possibilidade.” O vice-presidente explica que a aquisição de uma casa, a decisão de comprar o primeiro imóvel, é uma das decisões importantes na vida de alguém, por isso a empresa possui cuidado com todas as etapas e necessidades dos clientes.

Para ele, o maior desafio dos próximos anos será contar com um cenário macroeconômico estável, que permita às pessoas comprar o primeiro imóvel. Nesse sentido, a redução da taxa Selic e do desemprego, aliada a uma menor inadimplência, pode contribuir para esse cenário. Esses fatores facilitam a análise de crédito e ampliam o acesso de jovens à casa própria.



“Quem decidiu comprar um imóvel 10 anos atrás, tomou uma decisão de sacrifício. Hoje, essa pessoa tem um patrimônio que já praticamente dobrou de valor, se não triplicou, e tomou a melhor decisão da vida dela. A decisão de compra do imóvel é a mais importante das nossas vidas. Essa é uma constante do mercado imobiliário.”

Paulo Antônio Kucher
Vice-presidente comercial e sócio

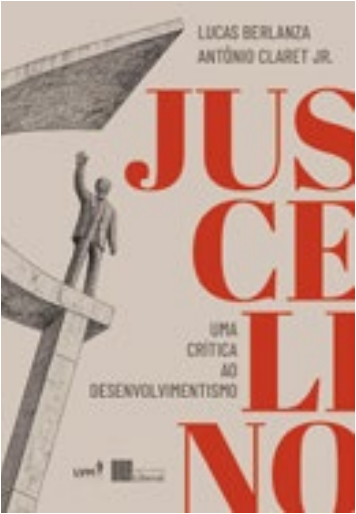
Raio-X

- **Empresa:** Lyx Construtora
- **Ano de fundação:** 2007 (19 anos de atuação)
- **Cidade de origem:** Rio de Janeiro (RJ)
- **Área de atuação:** Construção de habitações populares pelo Programa Minha Casa Minha Vida.
- **Principais produtos ou serviços:** Condomínios-clubes fechados, com foco na qualidade e na quantidade de áreas comuns (proporcional ao tamanho do empreendimento, mas sempre prezando pela experiência e o bem-estar dos clientes). As áreas comuns mais atrativas são a praia artificial, quadra de beach tennis, piscina, academia, cinema e pet care.
- **Principais clientes ou segmentos atendidos:** Jovens entre 19 e 30 anos que se enquadram nas faixas 2 e 3 do Programa Minha Casa Minha Vida.
- **Presença geográfica:** PR, MT, SC, SP e RS.
- **Novos produtos ou lançamentos previstos:** Previsão de lançamento para 2027 dos seguintes empreendimentos: Miami Beach e Stanford.
- **Onde a empresa quer estar em cinco anos:** Ser a maior e mais rentável do Brasil.



Construtora foca nos clientes que buscam o primeiro imóvel; aposta maior são em empreendimentos populares do Minha Casa Minha Vida

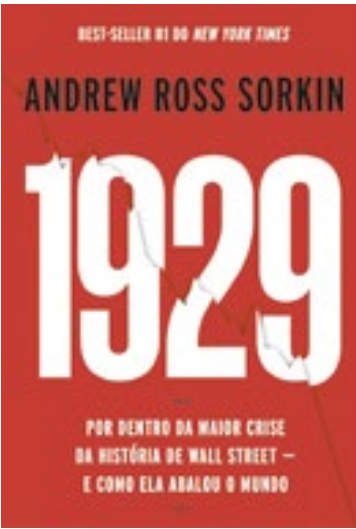
FEED



Juscelino: Uma Crítica ao Desenvolvimentismo; Antônio Claret Jr. e Lucas Berlanza; LVM Editora; 224 páginas; R\$79,90; Disponível em versão física e digital.



Não Deixe Tudo Te Abalar: Como se libertar do excesso de pensamentos; Daniel Chidiac; Editora Sextante; 176 páginas; R\$54,90; Disponível em versão física e digital.



1929: Por Dentro da Maior Crise da História de Wall Street; Andrew Ross Sorkin; Portfolio-Penguin; 504 páginas; R\$99,90; Disponível em versão física e digital.

Desenvolvimentismo

Com a morte de Juscelino Kubitschek completando 50 anos, Antônio Claret Jr. e Lucas Berlanza lançam o livro “Juscelino: Uma Crítica ao Desenvolvimentismo”. Mais do que uma biografia, o livro é um ensaio crítico e se propõe a investigar a trajetória pública de JK e o modelo econômico que ele deixou como legado - do “50 anos em 5” à construção de Brasília. Os méritos de JK são apontados: seu carisma, sua habilidade política e os resultados concretos do Plano de Metas, que impulsionou a indústria automobilística e fez a economia crescer a taxas superiores a 7% ao ano. Contudo, a obra também revela o endividamento externo, a in-

flação que quase dobrou no período e a consolidação de uma cultura de dependência do Estado como motor de crescimento. Brasília, elevada à condição de “meta-síntese” do governo JK, é o símbolo dessas contradições entre a ousadia estatal e seus efeitos de longo prazo. Ao propor separar a força simbólica de Juscelino da avaliação técnica de suas políticas, Claret Jr. e Berlanza convidam o leitor a repensar um período que segue influenciando os debates atuais sobre o papel do Estado na economia e a entender por que essa herança ainda pauta a forma como o Brasil discute planejamento e desenvolvimento.

Autocontrole

O livro de Daniel Chidiac se dedica a quem já se sente cansado de ser dominado pelas próprias emoções, de ruminar cada contratempo e de sabotar a si mesmo. “Não deixe tudo te abalar: Como se libertar do excesso de pensamentos, do caos emocional e da autossabotagem”, parte de uma constatação simples: não são as grandes tragédias que mais desestabilizam o dia a dia, mas sim os pequenos incômodos que se acumulam sem aviso. Em vez de mergulhar em traumas profundos, o autor concentra sua análise nos chamados “microgatilhos” cotidianos - o café derramado ou o trânsito parado - e investiga por que esses episó-

dios banais têm o poder de arruinar momentos. A proposta não é ensinar o leitor a suprimir o que sente, mas a entender o mecanismo por trás dessas reações e redirecioná-las. Com exercícios de aplicação prática e uma linguagem direta, Chidiac promete ferramentas para romper ciclos de pensamento negativo, estabelecer limites sem culpa e abandonar a postura de vítima diante das frustrações do cotidiano. Identificar padrões tóxicos e se afastar sem arrependimentos, desenvolver o desapego sem se tornar frio e seguir em frente sem precisar se justificar são algumas das práticas ensinadas na obra.

Crise

A obra “1929: Por Dentro da Maior Crise da História de Wall Street - e Como Ela Abalou o Mundo”, do autor renomado Andrew Ross Sorkin, revisita um dos episódios mais decisivos do século XX: a quebra da Bolsa de Nova York em 1929, evento que redesenhou a economia global e desencadeou a Grande Depressão. Sorkin aplica ao colapso de 1929 rigor jornalístico e a reconstrução narrativa se apoia em documentos inéditos, entre eles atas confidenciais do banco central americano e o relato de um informante de Wall Street. O livro de Andrew Ross Sorkin apresenta os personagens centrais da crise a partir de

documentação e relatos primários: banqueiros, executivos e líderes financeiros que tiveram participação direta nos acontecimentos, incluindo o caso de Winston Churchill, que perdeu parte de suas aplicações no período. Mais do que reconstituir números e datas, Sorkin usa o episódio para investigar um traço recorrente da natureza humana: a disposição coletiva de acreditar que os bons tempos são eternos, mesmo diante de sinais de alerta. Uma leitura que conecta o comportamento de Wall Street há quase um século aos dilemas que ainda envolvem mercados e crises financeiras na atualidade.

Setembro tem programação gratuita de Oficinas Digitais no CIEE-RS

Para jovens que buscam se qualificar e desenvolver novas habilidades, o CIEE-RS oferece, ao longo de setembro, uma programação de Oficinas Digitais gratuitas. São quatro conteúdos disponíveis até o dia 30, com acesso totalmente online.

A oficina “Word descomplicado: Do básico ao essencial” apresenta os principais recursos da ferramenta para elaboração, edição e formatação de documentos adequados aos contextos acadêmico e profissional. Já “Pitch: como criar, apresentar e gerar impacto” trabalha a estruturação de apresentações claras e objetivas, com técnicas de comunicação e organização de ideias para defender projetos, soluções ou propostas.

“As Oficinas Digitais são mais uma possibilidade de o jovem investir na própria formação, de maneira gratuita e no ritmo que a sua rotina permite. Buscamos trabalhar temas que dialoguem com diferentes momentos dessa trajetória e contribuam para competências úteis na vida profissional e pessoal”, destaca Gustavo Etcheverry, gerente de Aprendizagem e Desenvolvimento Social do CIEE-RS.

A programação inclui ainda “Técnicas de Criatividade: Pensamento Inovador”, voltada ao estímulo da geração de ideias e à resolução de problemas de forma criativa, e “Como tomar decisões financeiras inteligentes”, que aborda planejamento, consumo consciente, uso adequado do crédito e construção de hábitos financeiros saudáveis.

Após o estudo do material, o participante realiza um teste sobre a temática. Com aproveitamento mínimo de 50%, recebe certificado com carga horária pela plataforma Conjuntos. As oficinas são gratuitas e abertas também a quem não participa dos programas de estágio ou aprendizagem do CIEE-RS.

As quatro oficinas ficam disponíveis até 30 de setembro. Inscrições e mais informações em cieers.org.br/portal/oficinas-digitais

www.cieers.org.br
(51) 3363-1000



Acompanhe as nossas novidades





VISÃO EMPRESARIAL

Luciane Souza

Coordenadora do Núcleo da Mulher Empreendedora da ACPA

Mulheres que empreendem também movem Porto Alegre

Toda cidade que deseja crescer precisa olhar para quem está construindo sua economia todos os dias. Em Porto Alegre, milhares de mulheres empreendem e fazem parte das 583 mil empresas comandadas pelo gênero no Rio Grande do Sul, elas criam empregos, movimentam o comércio e os serviços, desenvolvem soluções e transformam necessidades em oportunidades. Muitas começaram pequenas e algumas empreenderam por escolha; outras, pela necessidade.

Como coordenadora do Núcleo da Mulher Empreendedora da Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA), tenho a oportunidade de acompanhar de perto essa realidade. E uma convicção se fortalece a cada encontro com as nucleadas que quando uma mulher cresce, ela raramente cresce sozinha. A ACPA, por meio de sua atuação institucional e de iniciativas organizadas pelo Núcleo da Mulher Empreendedora (NuME), contribui para fortalecer conexões, estimular o desenvolvimento empresarial e ampliar as oportunidades para quem empreende. Esse trabalho parte de uma compreensão simples, mas fundamental: empresas mais fortes ajudam a construir uma cidade mais próspera.

Quando uma mulher amplia sua rede, contrata, compra de outros negócios, indica profissionais, compartilha conhecimento e abre portas, seu crescimento produz um efeito multiplicador que alcança empresas, famílias e comunidades. Por isso, fortalecer o empreendedorismo feminino não deve ser tratado apenas como uma pauta social, mas sim, como uma pauta econômica. É necessário falar de produtividade, geração de renda, inovação, competitividade e desenvolvimento para Porto Alegre.

Mas existe um desafio: talento

e disposição para empreender não são suficientes. É preciso acesso a conhecimento, conexões, mercado, tecnologia e ambientes que estimulem a troca de experiências. É justamente aí que iniciativas como o 3º Fórum Mulheres de Negócios, que vai ocorrer no dia 25 de setembro de 2026, ganham importância. Em sintonia com a missão da ACPA de aproximar empresas, lideranças e oportunidades, eventos dessa natureza criam pontes e fortalecem o ambiente de negócios da cidade.

Mais do que reunir mulheres em um mesmo espaço, esses encontros colocam empreendedoras diante de novas ideias, especialistas, potenciais clientes e parceiros. Promovem discussões sobre liderança, vendas, posicionamento, tecnologia e inteligência artificial, temas que já fazem parte da realidade competitiva das empresas.

Uma cidade que pretende ser mais dinâmica precisa estimular esses encontros e valorizar as instituições que trabalham para aproximar quem empreende, quem investe e quem transforma ideias em negócios. Precisamos

substituir a lógica da competição isolada pela construção de redes. Precisamos compreender que uma empreendedora que indica outra não perde mercado, ela ajuda a ampliar o ecossistema. Que conhecimento compartilhado não diminui quem ensina: multiplica possibilidades.

Porto Alegre tem mulheres preparadas, criativas e corajosas. O que precisamos é ampliar os espaços para que elas sejam ouvidas, conectadas e reconhecidas como parte fundamental da estratégia de desenvolvimento da cidade. Cabe a nós criar cada vez mais ambientes para que possam fazer ainda mais e incentivar as mulheres que empreendem e que tem a capacidade de fazer de Porto Alegre uma cidade próspera e pujante.

OPINIÃO

O teletrabalho amadureceu

Eduardo Gomes Gaelzer

Advogado, professor e pesquisador do Getrab/USP

A pandemia de Covid-19 transformou o teletrabalho de exceção em realidade para milhões de brasileiros. Empresas e trabalhadores precisaram improvisar soluções para preservar empregos e manter a atividade econômica. Passado o período emergencial, o trabalho remoto deixou de ser provisório. O Direito do Trabalho precisa acompanhar essa transformação.

O Brasil já possuía regras para o teletrabalho desde a Reforma Trabalhista de 2017. A pandemia, entretanto, acelerou sua adoção e incorporou novas práticas à cultura empresarial. A Lei nº 14.442/2022 atualizou o marco legal e ampliou a compreensão sobre a modalidade, admitindo sua prestação de forma não preponderantemente remota.

A principal transformação foi cultural. Empresas perceberam que produtividade não depende exclusivamente da presença física e os trabalhadores passaram a valorizar a autonomia e a qualidade de vida. Entretanto, a convivência presencial continua importante para a cultura organizacional, a inovação e a formação de equipes.

Nesse contexto, o modelo híbrido ganhou espaço. Mais do que benefício excepcional, tornou-se expectativa de parte dos profissionais e alternativa estratégica para empresas. A negociação coletiva pode contribuir para estabelecer soluções adequadas às características de cada setor, conciliando flexibilidade e segurança jurídica.

Outro desafio está no custeio da atividade. Quando o trabalho ocorre fora das instalações empresariais, é necessário definir responsabilidades sobre internet, energia, equipamentos e infraestrutura. A legislação permite disciplinar essas questões, mas ainda existem discussões que demonstram como o teletrabalho produz efeitos em diferentes

áreas do Direito.

Flexibilidade, porém, não pode significar precarização. A autonomia do empregado não elimina os deveres do empregador em relação à saúde ocupacional, ergonomia, proteção de dados e períodos de descanso. Conectividade permanente não pode se transformar em disponibilidade permanente.

O desafio é construir um ambiente jurídico capaz de oferecer segurança para diferentes formas de organização. O teletrabalho deixou de ser resposta emergencial e tornou-se parte da economia contemporânea. Ignorar essa transformação significa tentar regular o mercado do século XXI com a mentalidade de um mundo que já não existe.

Quando o trabalho ocorre fora das instalações empresariais, é necessário definir responsabilidades sobre internet, energia, equipamentos e infraestrutura



ARQUIVO PESSOAL EDUARDO GOMES GAEIZER/DIVULGAÇÃO/JC

Como medir a inovação nas empresas

Higor Rocha

Gerente de Negócios do FI Group

Otimização de custos, adaptação às mudanças e às novas exigências do mercado pressionam o desenvolvimento de estratégias de inovação nas empresas para que se mantenham competitivas. Neste processo, a mensuração da inovação em projetos financiados por políticas públicas é uma prática tão importante quanto o investimento para esse propósito em si.

No entanto, a realidade é que muitas empresas ainda encontram dificuldades para compreender quais são os retornos gerados por seus investimentos em PD&I. Na estruturação do projeto, é importante considerar a avaliação de indicadores econômicos, tecnológicos, operacionais, ambientais e organizacionais.

A inovação nas empresas gera ganhos variados, como o desen-

volvimento de novos produtos, aumento de receitas, ampliação da participação de mercado, redução de custos e desperdícios, aumento de produtividade, otimização de processos e mitigação de riscos.

Também existem benefícios indiretos, como a fidelização de clientes, aumento da capacidade competitiva, crescimento de receita, ROI, evolução da maturidade tecnológica, geração de propriedade intelectual, produtividade, aumento da qualidade e da eficiência dos processos, geração de novos mercados e impactos ambientais e sociais.

Grande parcela das empresas brasileiras ainda possui uma visão de curto prazo sobre os investimentos em inovação. Em muitos casos, há a expectativa de que os resultados se manifestem imediatamente após a conclusão do pro-

jeto, quando, na prática, diversos benefícios são percebidos apenas ao longo dos anos.

Para minimizar estes obstáculos, indicadores precisam ser definidos e segmentados antes do início do projeto e avaliados regularmente no processo, consequentemente isolando o efeito da inovação dos demais fatores que influenciam o desempenho.

Quando projetos de P&DI passam a ser mensurados e tratados como ativos estratégicos, as empresas conseguem estabelecer prioridades, acompanhar resultados, direcionar investimentos e construir um portfólio equilibrado. Logo, medir os resultados possibilita o aprendizado contínuo sobre os processos de inovação, a redução de incertezas futuras e a melhora na qualidade das decisões relacionadas à alocação de recursos.

REPORTAGEM ESPECIAL

Meteorologia customizada ganha espaço na gestão

Serviços especializados têm se mostrado fundamentais para enfrentar desafios climáticos e econômicos. Ao garantir uma previsibilidade mais assertiva, setores como o agronegócio e logística reduzem perdas financeiras e aumentam a produtividade.

Gabriel Eduardo Bortulini

Especial para o JC

Muitas vezes tratada com desconfiança, a meteorologia tem ganhado espaço com serviços cada vez mais especializados. Empresas de setores agrícolas e portuários, por exemplo, já contratam assessorias de previsão e monitoramento para decisões cotidianas e de longo prazo.

Quando uma linha de tempestade se divisa no horizonte, é natural tomar algumas precauções antes de uma pessoa sair de casa: recolher as roupas do varal, fechar as janelas, pegar o guarda-chuva, talvez calçar botas. Apesar disso, não há certeza de que a tempestade vai ocorrer de fato. No entanto, talvez a pessoa tenha consultado a previsão do tempo em um aplicativo gratuito, tão logo notou as nuvens escuras relampejando. O aplicativo mostrava uma chance real de chuva para as horas seguintes. Ainda assim, o guarda-chuva e as botas muitas vezes terão sido itens desnecessários. E então surgem as desconfianças quanto à meteorologia.

“O meteorologista sofre da síndrome do goleiro”, brinca a meteorologista Estael Sias, sócia-diretora da MetSul Meteorologia, empresa de São Leopoldo. “Enquanto está acertando, ninguém nem lembra que tem um meteorologista trabalhando. Agora, ele erra e todo mundo lembra que ele errou, que aquele dia ele falou e não aconteceu.” O fato é que uma previsão cotidiana costuma ser genérica. Mesmo assim, ela apresenta informações importantes para os cidadãos.

Quando uma linha de tempestade é observada no horizonte de um terminal portuário, numa obra de engenharia ou numa lavoura,

contudo, a decisão vai muito além dos pequenos transtornos cotidianos. Nesses casos, a meteorologia deixa de ser um acessório à comodidade e passa a ser ferramenta de gestão. Um exemplo é o Agritempo, da Embrapa, sistema gratuito de monitoramento meteorológico e agrometeorológico que reúne boletins e mapas sobre estiagem, precipitação, irrigação, manejo do solo e aplicação de defensivos para apoiar decisões do produtor ao longo da produção, uma vez que o agronegócio é um dos setores que mais depende do monitoramento do clima.

Serviços como esses são cada vez mais fundamentais nas mais diversas atividades econômicas. Segundo estudo da Organização Meteorológica Mundial (WMO) em parceria com o Banco Mundial, melhorias nas observações e previsões meteorológicas, climáticas e hidrológicas poderiam gerar até US\$ 30 bilhões por ano em aumento de produtividade global e até US\$ 2 bilhões por ano em redução de perdas de ativos.

É o que fica evidente quando se analisa o cenário dos últimos anos, em que o Rio Grande do Sul passou por sequenciais eventos climáticos extremos. Nesse contexto, tanto empresas privadas como entidades e órgãos públicos têm procurado, cada vez mais, pelos serviços de meteorologia customizada à necessidade particular de diferentes setores. Nem sempre, apesar disso, um cliente sabe exatamente o que precisa quando solicita o orçamento a uma empresa de meteorologia. Em alguns setores, contudo, a assertividade é sinônimo de economia e, principalmente, segurança.

Leia mais nas próximas páginas >>

NEIDE MAKIKO FURUKAWA/EMBRAPA/DIVULGAÇÃO/JC



ESPECIAL

WILSON SONS/DIVULGAÇÃO/JC



No Tecon Rio Grande, ferramenta estratégica de gestão preventiva contribui para a segurança e para a continuidade das atividades

Previsão do tempo otimiza operações portuárias no RS

Integração de dados meteorológicos no planejamento estratégico é fundamental para otimizar atividades e evitar prejuízos

Gabriel Eduardo Bortolini

Especial para o JC

A atividade portuária convive com a complexidade do clima diariamente. Nesse contexto de vácuo de navios, movimentação de contêineres e guindastes, a precisão das informações meteorológicas pode significar segurança e economia. As empresas portuárias, por exemplo, estão entre os principais clientes da Catavento Meteorologia em todo o País. A empresa fundada pela meteorologista Natalia Pereira tem sede em Rio Grande e quase 15 anos de existência. “Atendemos diversos setores, públicos e privados, como dezenas de municípios do Rio Grande do Sul e em alguns portos no País. Como eles estão localizados no litoral, dependem

muito das condições meteorológicas e oceanográficas para as operações. E são equipamentos muito grandes, são equipamentos muito sensíveis”, explica Natalia.

A necessidade do monitoramento meteorológico, por exemplo, passou a ser um importante elemento de apoio à tomada de decisão, segundo Paulo Bertinetti, diretor-presidente do Tecon Rio Grande, terminal de contêineres operado pela Wilson Sons. O terminal contrata serviços de informações meteorológicas personalizadas desde janeiro de 2010. A decisão teve relação direta com a necessidade de fortalecer a gestão preventiva de riscos e garantir maior segurança às pessoas, ao meio ambiente, às operações e ao patrimônio, segundo Bertinetti.

“Essa capacidade de antecipação é especialmente relevante em uma operação portuária, na qual condições como ventos fortes e tempestades podem impactar simultaneamente a segurança das pessoas, a movimentação de cargas e a integridade dos equipamentos e da infraestrutura em geral”, aponta, destacando a contribuição das informações meteo-

rológicas para a tomada de decisão também como planejamento e prevenção.

As informações personalizadas permitem antecipar cenários, o que pode transformar a previsão em uma ação concreta. “Quando temos conhecimento prévio das condições esperadas, conseguimos, por exemplo, evacuar o pátio de forma antecipada quando necessário, priorizando a segurança das pessoas. E, também, reorganizar a operação de pátio, reduzindo a altura das filas para minimizar riscos de queda dos contêineres. Essa atuação protege, em primeiro lugar, a vida e a integridade das pessoas, mas também está diretamente relacionada ao nosso compromisso com os clientes em preservar a integridade das cargas sob nossa responsabilidade”, exemplifica.

Para Bertinetti, o investimento gera um retorno justificado pelos custos evitados, mas em especial pelo apoio na tomada de decisões diante de cenários de risco, essenciais na preservação de vidas e prevenção de impactos ambientais. Há, no entanto, impactos diretos na eficiência operacional.

“Uma parada antecipada e desnecessária pode gerar custos de ociosidade e perda de produtividade, enquanto uma decisão tardia pode expor pessoas, cargas e equipamentos a riscos significativamente maiores”. Nesse sentido, Bertinetti afirma que a qualidade das informações meteorológicas contribui para “encontrar o equilíbrio entre segurança, continuidade operacional e eficiência”.

Embora não cite números específicos, o gestor afirma que é possível mensurar parte dos impactos evitados, principalmente quando relacionados a danos materiais, operações interrompidas e perdas de produtividade. Existe, no entanto, uma parcela difícil de quantificar, principalmente no caso de riscos que foram tratados de maneira preventiva. “Acidentes que poderiam impactar vidas, danos ambientais ou ocorrências envolvendo cargas, equipamentos e infraestrutura são exemplos de situações em que o maior resultado da gestão de risco é justamente evitar que o evento aconteça. Nesses casos, atribuir um valor financeiro ao prejuízo evitado é complexo, mas isso não

reduz a importância da prevenção”, reforça.

“A informação mais importante é saber quantas vidas são salvas, antes de pensar somente na questão econômica”, enfatiza a meteorologista Natalia. Segundo ela, porém, o acesso às informações meteorológicas previne prejuízos diariamente em diversos setores.

“Tenho clientes portuários em que meia hora de operação parada gera um custo de US\$ 150 mil. Então, se eles recebem uma informação genérica dizendo que à tarde vai ter vento forte, que horas eles param essa operação? Eu consigo dizer para eles qual é o horário que vai ter vento. Então eles vão parar só meia hora antes, não duas horas antes. Ou seja, em vez de perder US\$ 600 mil, eles vão perder US\$ 150 mil”.

Previsões e históricos contribuem para a elaboração de planos de contingência e resiliência. “A meteorologia deixa de ser apenas uma informação de acompanhamento e passa a atuar como um insumo para a gestão integrada de riscos e para o planejamento operacional e estratégico do terminal”, afirma Bertinetti.

Monitoramento aprimora prevenção de desastres no Rio Grande do Sul

A meteorologista Natalia Pereira revela que a maior parte dos clientes da Catavento Meteorologia são oriundos do setor privado. Ainda assim, a empresa oferece serviços para prefeituras de diversos municípios, principalmente no Rio Grande do Sul. Dentre eles, está o município de Porto Alegre: desde janeiro de 2025, a Catavento oferece serviços de previsão e monitoramento meteorológico à Defesa Civil do Município.

Segundo Evaldo Rodrigues de Oliveira Júnior, secretário executivo da Defesa Civil de Porto Alegre, esse serviço não existia antes de 2019. Então, o órgão dependia de informações meteorológicas oficiais, de nível federal e estadual. No entanto, pelo tamanho do município, diferentes características e microclimas, surgiu a necessidade de um monitoramento mais preciso.

“Isso veio num pacote de reestruturação da Defesa Civil de Porto Alegre. Foi um dos itens, um dos pilares da nossa reestruturação, a questão do monitoramento de risco. Tanto é que nós criamos um Centro de Monitoramento e Alerta da Defesa Civil de Porto Alegre”, conta. Para isso, a Defesa Civil precisava, evidentemente, de profissionais de áreas como meteorologia, hidrologia e geologia, inexistentes no quadro funcional da prefeitura. A solução foi recorrer às empresas privadas.

Assim, instaurou-se a licitação vencida pelo consórcio

Catavento e Arvut Monitoramentos Hidrometeorológicos. O contrato tinha previsão inicial de 12 meses de serviços a um total de R\$1.389.996,00. Posteriormente, o contrato foi prorrogado até janeiro de 2027. A licitação, vale ressaltar, teve início em outubro de 2024, meses após a enchente de maio daquele ano, uma das maiores catástrofes climáticas da história do Estado, episódio que pôs em evidência e sob dúvidas a capacidade preventiva do poder público diante de eventos extremos.

Atualmente, conforme o secretário, a Defesa Civil de Porto Alegre conta com os serviços meteorológicos 24 horas por dia. “O monitoramento meteorológico, hidrológico e geológico hoje é matéria-prima para a Defesa Civil. Tanto para que nós, poder público, possamos nos preparar para um evento que se preveja, quanto para a gente anunciar para a população e emitir alertas cada vez mais precisos”, destaca.

A necessidade de precisão é destacada pelo secretário, assim como a possibilidade de disponibilizar à população alertas com a antecedência adequada para que as pessoas possam tomar medidas efetivas de proteção. Evaldo explica que, hoje, a Defesa Civil pode emitir alertas para diferentes partes da cidade a depender do risco de determinado fenômeno.

“Porque Porto Alegre tem microclimas. Agora, imagina um órgão federal dando um alerta



Defesa Civil de Porto Alegre conta com serviços precisos para emitir alertas e agir preventivamente

para todo o estado do Rio Grande do Sul? Já aconteceu de ventar a 100 km/h na Região Sul e ventar a 10 km/h na Região Norte. Já aconteceu de chover 60 milímetros na Região Norte e chover 4 milímetros na região mais ao sul da cidade. Depende de como o sistema cruza o nosso município. E os nossos meteorologistas enxergam isso”.

A informação mais localizada também alterou a logística das equipes, segundo Natalia. A meteorologista da Catavento afirma que hoje, em vez de deslocar preventivamente viaturas para as áreas de risco sempre que co-

meça a chover, o monitoramento personalizado permite o melhor direcionamento a depender do risco identificado.

“Muda completamente a gestão, independentemente se é de uma prefeitura, se é de uma entidade privada. Muda como vai organizar a operação, porque se tem uma informação extremamente detalhada e precisa daquilo que vai acontecer”, afirma a sócia-diretora da Catavento.

Quanto ao montante de quase R\$ 1,4 milhão em serviços de monitoramento, o Secretário Executivo da Defesa Civil de Porto Alegre acredita que o retorno tem

justificado o investimento.

“Vem embutido nesse contrato uma plataforma que nós estamos disponibilizando para a população. Tudo o que enxergamos dentro do Centro de Monitoramento e Alerta, devolvemos para a população através da plataforma POA Clima. Estamos falando de R\$ 1,4 milhão, mas nós temos cinco meteorologistas, nós temos uma hidróloga, uma geóloga, disponíveis, é claro, dentro de uma escala de serviço, 24 horas por dia. Isso tem um custo. Agora, é inegável o crescimento que nós tivemos a partir desse contrato”, descreve.

Cenário pós-enchente alerta para investimentos em prevenção

Estael Sias, da MetSul Meteorologia, acredita que ainda falta eficiência no planejamento de avisos e alertas das Defesas Cíveis. Segundo a meteorologista, enquanto os alertas da Defesa Civil do Estado são genéricos demais, sem especificidade de município, o que prejudica a orientação, as Defesas Cíveis municipais são majoritariamente estruturadas para socorro e não para prevenção.

“Muitas vezes um alerta SMS é muito pouco. Talvez seja o que é possível em nível estadual, mas, em nível municipal, a parte preventiva está muito longe do ideal. No mínimo, os municípios precisam se estruturar mais dentro dessa visão de alerta, daquilo que realmente chama de alerta, que é: dizer o horário e o local, para a pessoa entender aquela informa-

ção e entender o que ela tem que fazer. Porque também não adianta eu receber o alerta, o aviso, se eu não faço a menor ideia do que faço com aquela informação”, pontua.

Além disso, a procura pelos serviços meteorológicos ganhou impulso principalmente após a enchente de 2024, seja em forma de consultorias especializadas, seja com a aquisição de equipamentos próprios para monitoramento. “Até 2024, percebíamos que os municípios, principalmente, viam isso como: ‘Vamos ver se vai chover’. Colocavam alguém da área mais técnica da prefeitura, para ficar responsável por essa informação. Mas, depois de 2024, viram que não é brincadeira e que a informação precisa ser precisa e a análise do risco precisa ser

técnica. Hoje não tem mais como: ‘Vamos entrar aqui na internet e ver se chove amanhã ou não’. Essa informação hoje já não serve mais”, afirma Natalia Pereira, da Catavento.

Estael, por outro lado, destaca o investimento de empresas para ter o próprio monitoramento. “Muitas delas não puderam mudar a localização da sua fábrica, da sua sede, por questão estratégica ou por questão de investimento, que seria muito mais alto. Então elas tentaram, por conta própria, fazer uma adaptação ali, uma mitigação. Remodelaram áreas sensíveis que não podem pegar água para andares superiores, por exemplo. Alguns até botaram comportas para impedir ou para retardar a chegada da água. O setor privado, aqueles

que têm poder aquisitivo, fizeram um baita investimento. E eles estão agora, diante desse El Niño, contratando um serviço de monitoramento exclusivo, para que eles possam já ser independentes da Defesa Civil”, revela. Em novembro de 2024, um relatório conjunto da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Grupo Banco Mundial estimou em R\$ 88,9 bilhões os efeitos e impactos das inundações no Estado: 69% (R\$ 61 bilhões) correspondentes ao setor produtivo; 21% (R\$ 19 bilhões) aos setores sociais; 8% (R\$ 7 bilhões) à infraestrutura; e 1,8% (R\$ 1,6 bilhão) ao meio ambiente.



Meteorologista Estael Sias, sócia-diretora da MetSul Meteorologia



Natalia Pereira é meteorologista e fundadora da Catavento Meteorologia

REPORTAGEM ESPECIAL

Empresa de Vacaria aposta em sistema de monitoramento próprio

Gabriel Eduardo Bortolini*

Especial para o JC

Há cerca de três anos, a RAR Agro & Indústria - que atua na produção de maçãs, grãos, pecuária leiteira, queijos, manteiga, azeites de oliva, vinhos, espumantes e sidras - adotou um sistema próprio de monitoramento meteorológico em Vacaria. São estações instaladas individualmente em cada um dos três grandes pomares da empresa na região. O monitoramento dá acesso, por meio de um aplicativo, a informações precisas e instantâneas de parâmetros como umidade, temperatura, vento e volume de chuva. Além disso, o sistema fornece relatórios completos com dados como acumulado de horas de frio, informação essencial para a cultura da maçã, por exemplo.

Segundo Alecir Webber, engenheiro agrônomo da empresa, o acesso ao monitoramento influencia diretamente nas decisões diárias. Com os dados imediatos, é possível saber o melhor momento de aplicar algum produto, como fungicidas, por exemplo.

“Quanto mais próximo da chuva, melhor para proteger o pomar, digamos assim. Mas no verão, principalmente, as chuvas mudam em volumes, às vezes significativamente. Às vezes, numa área aqui chove 30 milímetros, na outra chove dez. E aí a decisão de uma aplicação pode ser diferente de uma área para outra. Por exemplo, tem como regra que esses produtos protetores aguentam, de 20 a 25 milímetros de chuva. Acima disso, depois tem que reaplicar o

produto. Então, se numa choveu 25 milímetros, eu tenho que reaplicar. Se na outra choveu dez, eu não preciso”, explica.

Apesar do sistema automatizado de monitoramento, a empresa optou, no entanto, por não ter um sistema de previsão climática regionalizada. Segundo Webber, essas informações nem sempre traduzem com fidelidade o que pode acontecer no pomar. “Então buscamos as previsões do clima e do tempo pelos outros sistemas que existem hoje disponíveis”, revela.

O engenheiro agrônomo conta que, antes de adquirir as estações particulares de monitoramento, houve um período de aluguel com empresas terceirizadas. A agilidade, a praticidade e a avaliação de custos, contudo, mostraram que a aquisição de um sistema próprio seria um investimento mais rentável do que a terceirização. No passado, a RAR Agro & Indústria chegou ainda a contar com assessorias de empresas.

“Pagávamos um valor por mês e aí tinha até duas ou três vezes por dia uma previsão mais regional. Mas hoje, com toda a tecnologia que tem, não há mais essa necessidade. Hoje, está disponível isso na internet o tempo todo, em qualquer site desses daí, tanto regional como internacional, tem acesso a isso”, enfatiza.

Segundo a professora Bernadete Radin, do Departamento de Plantas Forrageiras e Agrometeorologia da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), há diversos canais em que produtores podem buscar informações meteorológicas relevantes para



Produtores gaúchos contam com diversos canais para buscar informações meteorológicas relevantes



Estações estão instaladas em três grandes pomares da empresa

as decisões no campo. O Conselho Permanente de Agrometeorologia Aplicada do Estado do Rio Grande do Sul (Copaaergs) é um exemplo. O boletim reúne

recomendações gerais e específicas para algumas culturas, incluindo relatórios trimestrais e previsão para os próximos meses. Além disso, cita os boletins

do Inmet, que contêm informações a respeito de precipitação e temperatura. “São canais que os produtores podem acessar e é uma linguagem fácil de ser entendida”.

Atualmente, segundo Webber, ainda é cedo para entender como o monitoramento pode influenciar na produtividade. Em contrapartida, a agilidade na tomada de decisões é um dos principais benefícios do sistema — o que justifica o investimento. “A rapidez de tu tomar uma decisão também no final de semana. Não precisa esperar chegar segunda-feira para ir atrás das informações para começar a dar orientações. Já sai de casa, muitas vezes, com orientação. O próprio pessoal que chega a trabalhar tem a orientação própria. Então isso agiliza.”

Tela antigranizo impulsiona produtividade em pomares gaúchos

“Como eu sempre digo, não podemos mudar o clima, certo? O clima está ali. Então temos que entender como é todo o funcionamento, como é que ele atua, o que ocorre, por que ocorre, para tentarmos potencializar o que ele traz de bom e mitigar e minimizar o que tem de ruim. Então o nosso estudo em agrometeorologia é justamente para explorar o máximo que ele pode nos oferecer”, explica a professora e pesquisadora Bernadete Radin, do Departamento de Plantas Forrageiras e Agrometeorologia da Faculda-

de de Agronomia da Ufrgs. Um exemplo das pesquisas em agrometeorologia é a relação entre as macieiras e as telas antigranizo, cada vez mais utilizadas em pomares como forma de mitigar os efeitos das granizadas, responsáveis pela perda de valor comercial das frutas atingidas.

Recentemente, inclusive, Bernadete, em conjunto com uma equipe composta, entre outros pesquisadores, pela colega de departamento e também professora Denise Cybis Fontana, publicou um estudo sobre a incidência de

granizo no Rio Grande do Sul. A pesquisa identificou uma prevalência do fenômeno justamente numa faixa que vai do Noroeste ao Nordeste do Estado, incluindo a região de Vacaria, onde a ocorrência de granizo é alta.

“E o nosso papel, na agrometeorologia, é tentar entender o que essa tela, além de proteger, causa na planta, o que modifica”, esclarece. Entre outros fatores, telas de diferentes cores podem significar mais ou menos radiação solar captada pelas plantas, o que tem influência na produtividade.

Para a professora, mais do que uma previsão, a meteorologia é uma ferramenta de manejo agrícola. Por isso, conhecer as condições climáticas de cada região, seguindo as informações disponibilizadas por órgãos oficiais é essencial — e, em geral, suficiente — às decisões dos produtores.

“Dentro da nossa área, fazemos isso: calcula quanto e quando irrigar, por exemplo. Isso é bem importante, porque a aplicação da água tem que ser conforme a necessidade. Não pode colocar em excesso, porque vai estar gastan-

do, além de água, energia. E normalmente, se aplica irrigação, é porque está num período mais de estiagem. E, se aplicar menos, ela vai ter uma menor produtividade”.

De acordo com Natalia Pereira, no entanto, o setor agrícola ainda se mostra um pouco resistente quando o assunto é pagar por uma previsão customizada.

“Às vezes eles compram uma colheitadeira que custa R\$ 10 milhões e acham baratíssimo. Aí, para contratar um serviço mais técnico de meteorologia, eles acham caro.”

TÂNIA MEINERZ/JC

RAR AGRO & INDÚSTRIA/DIVULGAÇÃO/JC

REPORTAGEM ESPECIAL

Setores inusitados buscam meteorologia para decisões estratégicas

Apesar das controvérsias, a meteorologia tem conquistado mercados nem sempre tão óbvios. “Observamos os padrões de chuva mudando, os padrões de vento mudando. A intensidade média do vento hoje sendo muito mais forte do que era dez anos atrás. Então, em função disso, obviamente que essa demanda aumentou. Já recebi aqui pedidos de orçamento de clientes, de setores, que eu disse: ‘Para que esse cara quer isso?’ Então houve uma variação bem grande”, relata Natalia Pereira, da Catavento Meteorologia.

A CEO da empresa afirma, apesar disso, que o carro-chefe são os monitoramentos meteorológicos 24h: eles representam cerca de 80% dos serviços da Catavento. Além disso, a empresa também presta consultoria para setores de energia, engenharia, licenciamento ambiental e estudos de resiliência climática.

Entre os setores mais inusitados, tanto a Catavento quanto a MetSul mencionam serviços personalizados para o ramo audiovisual. “Já fomos contratados, por exemplo, para fazer previsão para ajudar na decisão da filmagem de um filme que tinha duas áreas. Eles queriam decidir se fariam no Uruguai ou aqui num



LUCIANO LANES/PMPA/DIVULGAÇÃO/JC

Empresa atende clientes das áreas de energia, engenharia, licenciamento ambiental, entre outras

lugar do Rio Grande do Sul. Aí fizemos todo um estudo de climatologia dos locais: o que costumava acontecer nessa época, para eles imaginarem a luminosidade que teriam no filme. Foi bem curioso”, comenta Estael Sias, da MetSul, que cita, ainda, uma abundância de clientes de

eventos e feiras, sem falar nos laudos de situações pós-desastre.

Segundo a sócia-diretora da MetSul, as possibilidades de contribuição da meteorologia com a sociedade são cada vez mais amplas. A construção civil é outro exemplo de setor em que, aos

moldes das operações portuárias, uma previsão meteorológica precisa pode significar segurança aos trabalhadores e economia às empresas.

“Realizamos um estudo, por exemplo, há uns anos, para uma empresa de pavimentação de asfalto. Eles estavam percebendo

do que o asfalto que eles produziam, da mesma fórmula que eles usavam hoje, tinha menos resistência do que há 20, 30 anos. Eles queriam entender o porquê disso. Aí, claro, a população aumentou, o tráfego é maior, tem mais carros. Eles queriam saber a componente meteorológica nesse processo”, exemplifica.

Embora a diversidade de clientes seja um ponto em comum, a forma como eles chegam às empresas meteorológicas parece guardar diferenças significativas.

“Eu sinto que eles muitas vezes não sabem dizer exatamente o que querem, porque eles não sabem exatamente o que temos para oferecer”, alega Estael. “Ainda tem muita confusão do que é e até onde a meteorologia pode contribuir”.

Na Catavento, por outro lado, os clientes costumam chegar com problemas prontos, segundo Natalia.

“Da área portuária, por exemplo: ‘Olha, estamos trabalhando aqui com guindaste e tudo mais, e o vento vem e não dá tempo de baixar a lança do guindaste. Então eu preciso saber desse vento antes para baixar a lança’”, elucida. “Isso facilita na hora de compor, por exemplo, um orçamento”.

Empresas buscam adaptação diante de El Niño

Há meses, os indícios de formação de um El Niño de forte intensidade têm gerado apreensão, desde a comunidade científica até a população leiga. Em junho, a Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos (NOAA) confirmou a formação do fenômeno, que atualmente já é classificado como forte. A tendência, aliás, é de que o El Niño ganhe intensidade, com reais probabilidades de atingir força superior aos eventos registrados desde 1950.

“Então o prognóstico é, sim, de muita chuva. Embora as pessoas fiquem nessa: ‘Ah, o pessoal das empresas de meteorologia quer apavorar a população, quer ganhar contratos com isso’. Não, a gente não tem como não falar

sobre isso”, assegura Natalia Pereira, da Catavento Meteorologia.

O cenário só aumenta a insegurança no Estado que há pouco mais de dois anos viveu uma tragédia sem precedentes. Se muitas pessoas decidiram deixar o pago pelo pavor de novos episódios de extremos climáticos, nem sempre uma empresa é capaz de tomar a mesma atitude.

“É por isso que eu vejo esse movimento muito forte das empresas de buscarem as suas próprias soluções, porque acho que é a leitura mais correta mesmo. Porque, senão, elas vão continuar no prejuízo, na vulnerabilidade e nessa insegurança: ‘Será que vale a pena eu continuar no Rio Grande do Sul?’, pensando já em outro aspecto. ‘Será que

eu não deveria ir para um outro estado que talvez tivesse menos vulnerabilidade?’, Estael Sias questiona.

Se a decisão for a permanência, não há outro caminho: é preciso se adaptar. Na agricultura, a professora e pesquisadora da Ufrgs, Bernadete Radin recomenda algumas formas de prevenção, como os terraceamentos e as curvas de nível, para diminuir a velocidade da água, que fica retida por mais tempo, podendo penetrar no solo com mais facilidade.

Desde meados do inverno, o Rio Grande do Sul registra episódios de altas temperaturas e volumes expressivos de chuvas, bem como ocorrências de granizo, fortes ventos e tornados. Con-



UFRGS/DIVULGAÇÃO/JC

Na lavoura, Bernadete recomenda terraceamentos e curvas de nível

forme Natalia, o El Niño favorece os episódios de tempo severo. A projeção é de que as condições só se normalizem no próximo inverno.

Num contexto apreensivo, a necessidade é de ação, não

para lutar contra o clima, mas como antecipação a seus efeitos. No caso de empresas e do poder público, isso significa manter a atenção ao tempo: com olhos bem abertos ao passado recente.

MINUTO VAREJO

Academia Bluefit terá primeira unidade no Estado

Rede controlada pelo fundo bilionário Mubadala, de Abu Dhabi, projeta mais pontos em Porto Alegre

Patrícia Comunello

patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

Pergunta da coluna Minuto Varejo: o que vai abrir em uma esquina na região mais valorizada de Porto Alegre, na vizinhança de dois grandes shopping centers? Não, não será farmácia. Desembarca no ponto na Capital, em breve, uma nova rede de academias, controlada pelo fundo bilionário (em dólar, se for em reais, é trilionário) Mubadala, de Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos. O Mubadala administra mais de US\$ 330 bilhões (cerca de R\$ 1,5 trilhão). O destino da primeira Bluefit no Rio Grande do Sul será a esquina da rua Cipó com a avenida João Wallig, bairro Passo D'Areia, que tem ao lado o Bourbon Country e mais à frente o Iguatemi POA. A previsão, repassada por um dos executivos da rede ao Minuto Varejo, é es-



Operação ocupará imóvel na esquina da rua Cipó com avenida João Wallig, ao lado do Bourbon Country

trear em outubro. As instalações, com dois pisos e 1,4 mil metros quadrados, estão sendo preparadas, em ritmo acelerado.

Serão abertos 25 a 30 empregos, média por academia. "Somos uma das maiores redes de academias do País, com presença pre-

dominante no Sudeste e Centro Oeste, mas temos unidades no Paraná e na cidade de Joinville (SC)", lista Gil Gianni, vice-presidente (VP) de Operações da rede. "Agora, vamos pisar no RS. Essa será nossa primeira unidade", avisa Gianni. A Bluefit tem mais de 200

unidades em 16 estados e atua com planos a partir de R\$ 129,00 até R\$ 200,00. O grupo não informa o valor do investimento. Mas Gianni já adianta que é apenas a primeira a entrar no mercado local. "Pretendemos abrir mais unidades em 2027 e ir acelerando a

expansão, começando por Porto Alegre", projeta o VP. Perguntado sobre outras áreas da Capital que podem ter a Bluefit, o VP informa: "Estamos olhando pontos em todas as regiões".

Pontos como o da esquina da Cipó com João Wallig são cada vez mais cobiçados, pois estão em regiões de muito fluxo, densidade de moradores e renda atrativa, combinando classes alta e média. A negociação para fechar o contrato de locação foi intermediada pela PLDA, que atua, por exemplo, com redes como McDonald's, que vem se instalando em esquinas "apetitosas", como da avenida Ipiranga com rua Cristiano Fischer, na Zona Leste, ao lado do campus da Pucrs, revelada pelo Minuto Varejo. João Lopes de Almeida, um dos sócios da PLDA, destaca que "a chegada da Bluefit reforça a importância do mercado gaúcho para grandes redes nacionais". "Nosso trabalho foi apresentar o potencial do Estado, identificando pontos que combinassem localização, acessibilidade, densidade de mercado e potencial comercial", explica Almeida.

QuintoAndar abre marketplace para locações de imobiliárias gaúchas

O Rio Grande do Sul ganha mais relevância na operação da plataforma de locação e venda de imóveis QuintoAndar, considerada a maior player online do setor no Brasil. A aproximação com o mercado regional vem em duas frentes. Imobiliárias do Rio Grande do Sul já podem ingressar no marketplace da marca, um dos braços de negócios, para locações. Além disso, a proptech (empresa de tecnologia do mercado de imóveis) abriu pela primeira vez números de como figura e receita que movimentam no Estado. Para gerar mais proximidade, a proptech, criada em 2013, escolheu o Parque Harmonia, palco do Acampamento Farroupilha, para falar da atuação. Hoje a QuintoAndar está em nove cidades, com Porto Alegre como o grande mercado, com 80% das negociações, e centralizado na Região Metropolitana. A Capital registra 600 mil acessos ao mês na plataforma.

"O marketplace está em expansão no Brasil, já tinha em venda e agora para aluguel", reforça



Lessa cita que Porto Alegre concentra 80% dos negócios

Felipe Lessa, head de marketing da empresa. "As imobiliárias parceiras podem levar seus imóveis para a plataforma, ampliando alcance, negócios, como negociar locação de unidades que estão no marketplace, e liquidez", descreve Lessa. Frente a 2025, a empresa registrou a ampliação da cobertura e alta de 20% nos contratos de aluguel, que somam 16 mil até agosto. Esse portfólio movimentou R\$ 340 milhões ao ano.

Hoje são 450 corretores atuando na plataforma no Estado, quatro vezes mais que em 2025, diz a proptech. "Temos muito espaço para crescer onde já estamos", projeta Lessa. Estudo feito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) dimensionou que o valor adicionado da plataforma ao PIB estadual teria sido de R\$ 173 milhões desde 2021, além de impacto em 12 mil empregos em diferentes segmentos, desde mão de obra para serviços a pessoal envolvidos nos contratos.

A empresa, com fluxo de 27 milhões de consultas mensais e 10 mil empresas do setor cadastradas, apresentou ao mercado em agosto, em São Paulo, sua inteligência artificial (IA) Domi (de domus, lar, em latim) e também o novo braço, o QuintoAndar for Business. Bernardo Dorigo, diretor-geral do QuintoAndar for Business, diz que o foco é segurança, crescimento e eficiência dos parceiros. Um dos alvos para tentar neutralizar o chamado "bypass", quando usualmente o corretor é "excluído" do negócio (fechado

entre comprador e vendedor). O Domi foi desenvolvido com equipes próprias, usando soluções de gigantes. O diretor-geral também disse que a ideia é ter pacotes de volume de mensagens, evitando custos mais onerosos.

"Temos convicção que a IA vai estar em centenas de parceiros ainda este ano. O Domi ajudará na gestão dos leads (captação de contratos)", aposta o executivo. A projeção é de "milhares de usuários ao longo de 2027". A plataforma não divulga valores de receita. Um dado já noticiado é que o faturamento cresceu 15 vezes desde 2020. A marca anunciou que investirá R\$ 2 bilhões em tec-

nologia em dois anos (até 2028). Um dos destinos será tecnologia. A QuintoAndar tem como um dos seus atrativos a garantia de pagar aluguel em dia os proprietários. "Ninguém tem a chance como nós de aprender sobre o risco de inadimplência, ante o volume de contratos de aluguel que fazemos", anota Dorigo.

Atuação em nove cidades

Bairros mais procurados para morar (Capital):

Centro Histórico (1º), Bom Fim (2º), Menino Deus (3º), Cidade Baixa (4º), Petrópolis (5º), Partenon (6º), Moinhos de Vento (7º), Santana (8º), Rio Branco (9º) e Passo d'Areia (10º).

Perfil: inquilinos com idade média de 33 anos e aluguel médio de R\$ 1,5 mil; proprietários com média de 46 anos e cinco anos na plataforma

Números no RS

- ▶ 16 mil contratos ativos de locação (20% alta em 2025)
- ▶ R\$ 340 milhões fluxo de receitas ao ano
- ▶ 450 corretores (quatro vezes mais que 2025)

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Alma Mater investe em saúde e educação infantil no RS

Instituto atua no suporte a mães e bebês em situação de vulnerabilidade e investe na estrutura e capacitação de escolas de educação infantil na Capital

Marina Mugnol
marinam@jcrs.com.br

Muito mais do que uma estrutura destinada ao sono, o berço exerce um papel fundamental nos primeiros meses de vida de uma criança. Além de proporcionar descanso, ele previne acidentes e oferece segurança durante todo o período neonatal. Os cuidados adotados nessa etapa também têm reflexos ao longo da vida, já que crescer em ambientes seguros e acolhedores é essencial para um desenvolvimento saudável.

É a partir da compreensão da importância da primeira infância que a Alma Mater, instituto sem fins lucrativos, direciona suas ações sociais. Criada em 2006, a entidade realiza atualmente projetos nas áreas da saúde e da educação.

Na saúde, duas iniciativas concentram os esforços da entidade: o Alma Mater Bebê e o Primeiros Passos da Mamãe e do Bebê. Ambos atendem mães usuárias do Sistema Único de Saúde (SUS) em situação de vulnerabilidade social nos hospitais Materno-Infantil Presidente Vargas e na Maternidade Mário Totta, do Hospital Santa Clara, em Porto Alegre.

Organizado para oferecer o suporte necessário às mães e bebês durante os primeiros meses após a alta hospitalar, o

Alma Mater Bebê realiza a doação da caixa berço e um enxoval completo com kits de higiene e cestas básicas. “Percebemos a necessidade desse projeto após notar que muitas mães saem do hospital sem nenhum apoio ou noção sobre os cuidados que um recém-nascido precisa. Muitas delas não possuem um enxoval adequado e nem mesmo um berço”, explica Fernanda Etchepare, presidente do Instituto.

Por isso, o Projeto Primeiros Passos complementa a iniciativa e fornece justamente esse apoio educativo. A partir de uma cartilha digital, a Alma Mater realiza a disseminação de informações necessárias e fornece apoio às mães e famílias diante das dúvidas e dos desafios dos primeiros meses de vida do bebê.

“Junto da cartilha, também fornecemos uma pasta segura e lúdica, conectada à realidade das mães que utilizam o SUS. Por meio dela, é possível acessar os vídeos do projeto, com informações sobre a saúde dos recém-nascidos, aleitamento materno, nutrição, tipos de violência, planejamento familiar, entre outras informações relevantes sobre a saúde da mulher e da criança”, explica Fernanda.

Todo esse contato e ajuda são realizados dentro dos hospitais, em salas cedidas ao projeto. A parte técnica do trabalho é desenvolvida por uma equipe de 13 profissionais contratadas, entre elas, assistentes sociais que atuam na seleção das mães e na realização dos atendimentos. “É um trabalho diário. Atendemos 260 pessoas somente no mês de julho e, no total, já são mais de 5.700 famílias atendidas”, afirma Fernanda.



Projeto dá apoio a mães e famílias diante dos desafios dos primeiros meses de vida dos bebês

Para além desse primeiro cuidado, a Alma Mater também mantém um olhar voltado à educação das crianças. Segundo Fernanda, em 2024, durante as enchentes que atingiram o Estado, surgiu a necessidade de estruturar e ampliar essa frente de trabalho do Instituto. Batizada de Projeto Aurora Infraestrutura, a iniciativa revitalizou e entregou, durante o período das enchentes, três escolas de educação infantil: duas no bairro Humaitá e uma na região das Ilhas.

Recentemente, no mês de agosto, foram entregues mais três escolas. Entre as instituições beneficiadas estão a Escola de Educação Infantil Brincando e Aprendendo, no bairro

Farrapos, que recebeu o aporte de R\$ 3,8 milhões para viabilizar a construção de uma unidade totalmente nova, com capacidade para atender 244 crianças; a Escola de Educação Infantil Favo de Mel, que recebeu investimento superior a R\$ 2 milhões; e a Escola de Educação Infantil Vila União, no bairro Sarandi, que recebeu R\$ 800 mil em investimentos destinados à qualificação da infraestrutura e à ampliação dos espaços.

Ao todo, o projeto já contabiliza R\$ 6,6 milhões em investimentos, beneficiando diretamente 644 crianças e contribuindo para a criação de 361 novas vagas na educação infantil em Porto Alegre.

“Durante esse trabalho, per-

cebemos também a importância de não entregar somente tijolo e cimento, mas sim qualidade e uma boa educação por meio de educadores capacitados. Por isso, criamos o Projeto Aurora Capacitação, que oferece formação para os professores da rede”, explica Fernanda.

A primeira edição do projeto foi realizada no ano passado, com mais de 230 educadores. Neste ano, outros 230 profissionais realizam as atividades de capacitação de forma online.

Além disso, as escolas participantes também recebem materiais pedagógicos, conforme suas necessidades prioritárias, e seguem em acompanhamento. Atualmente, 17 escolas participam do projeto.

Diversificação de recursos é desafio para manter ações do Instituto

Para manter os projetos, o Instituto Alma Mater busca diversificar suas fontes de renda. Segundo a presidente da entidade, Fernanda Etchepare, garantir os recursos necessários nem sempre é uma tarefa fácil. “A economia brasileira não anda bem e, com isso, as pessoas estão doando cada vez menos. Além disso, o Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (Fun-

criança), de onde vem grande parte da nossa renda, é um meio burocrático, o que faz com que haja atraso no repasse e na liberação dos valores”, explica.

Além do Funcriança, que permite a destinação de uma parcela do Imposto de Renda de pessoas físicas e jurídicas para projetos sociais, o Instituto também busca emendas parlamentares que se enquadrem nas iniciativas reali-

zadas e recebe doações diretas de empresas e instituições. Contribuições únicas ou recorrentes, a partir de R\$ 30, também são aceitas.

Além dessa contribuição financeira, a entidade também recebe doações de itens utilizados nas ações, como fraldas, algodão, lenços umedecidos, cotonetes, xampu e sabonete infantil, creme para assaduras, sabonete adulto, pasta e escova de dentes.

Ainda é possível contribuir por meio do trabalho voluntário. De acordo com Fernanda, os interessados podem entrar em contato com a entidade pelo WhatsApp, conhecer as ações e identificar em qual atividade gostariam de atuar. Atualmente, o Instituto conta com 19 voluntárias, que também auxiliam na articulação e na busca por recursos.

Para Fernanda, independente-

mente do valor, a contribuição é importante para a continuidade das atividades. “As pessoas precisam começar a entender como as organizações da sociedade civil, as pessoas físicas e o voluntariado podem fazer a diferença. Só reclamar do governo não vai mudar nada. Tem muita gente precisando de ajuda e, se cada um fizer um pouquinho, já podemos mudar vidas”, finaliza.

*Sujeito a análise de crédito.

escala

Tá com crédito

Soluções de crédito
com ótimas taxas.*

Precisando de capital de giro?

Banrisul Capital de Giro

- Prazo de até 36 meses para pagamento
- Aceita uma ampla variedade de garantias
- Crédito em conta corrente na data do registro da operação
- Condições especiais com taxas atrativas para o seu negócio

Precisando renovar o estoque?

Conta Única

- Isenção de tarifa na contratação
- Renovação automática
- Diversificação de garantias
- Comodidade no pagamento dos encargos por meio do débito em conta corrente

Quer investir na sua empresa?

Desconto Digital de Duplicatas

- Liquidez imediata para o seu negócio
- Processo digital e simplificado
- Antecipação de duplicatas com vencimento em até 180 dias
- Operações isentas de tarifa de abertura de crédito

Saiba mais:



 **banrisul**
empresas